



Cadê o colete salva-vidas?

B E u não pretendia contar esta história para ninguém. Até hoje fico envergonhado quando penso que um profissional como eu, acostumado a fazer grandes travessias marítimas de caiaque, passaria o maior sufoco da vida na Represa do Guarapiranga, em São Paulo. Justo lá, onde eu treinava todas as semanas, e considerava o “quintal da minha casa”. A cilada começou quando resolvi levar um amigo para uma despreziosa remada pelas calmas águas desse reservatório. Estava tão seguro, que só peguei uma das duas tampas dos compartimentos de carga do barco, desprezei a saia de neoprene que protege o cockpit e, pior, deixei para lá os coletes salva-vidas, confiando na propalada capacidade de nadar do meu parceiro. Quanta displicência!

Sáímos da marina com nuvens baixas e um vento sul trazendo uma frente fria. Nada que pudesse impedir o passeio, cujo roteiro era remar até a barragem da represa e voltar, em um percurso de apenas 6 quilômetros.

O dia em que o experiente canoísta Cristian Fuchs quase morreu afogado nas águas calmas da Guarapiranga

Nome: Cristian Fuchs

Idade: 33 anos

Profissão: empresário

Principais feitos: travessia de caiaque da costa do Rio a Santos e de Salvador a Alcobaça, no sul da Bahia; circunavegação de Ilhabela (SP) e da Ilha Grande (RJ)



Planejador meticuloso de grandes travessias de caiaque, Cristian Fuchs subestimou uma remada aparentemente tranqüila. Resultado: passou o maior sufoco de sua vida por não ter levado o equipamento básico de segurança

Uma remada fácil em relação a tantas outras que fiz, em oito anos de experiência como canoísta, caso da travessia Rio–Santos ou a circunavegação de Ilhabela, por exemplo. Como as ondas vinham por trás, coloquei a única tampa no compartimento de carga na popa, e navegávamos tranqüilos. Não imaginava que as ondulações iriam voltar ao bater na parede da barragem, e começar a entrar no bagageiro da proa do caiaque. Gritei calado uns palavrões. Nem uma caneca sequer tinha comigo para tirar a água, que já começava a tomar conta do caiaque. Foi o tempo de pular fora e o barco começar a afundar. Tudo bem, pensei, era só desvirá-lo e voltar.

Quando estávamos no meio da represa, a 1 quilômetro da margem, o vento aumentou e a água começou a entrar no cockpit. O barco foi novamente a pique, e dessa vez não dava para desvirá-lo. Só nos restava nadar. Eu tentava levar comigo o caiaque, enquanto meu amigo carregava os remos. Cinco minutos depois, descubro que ele havia superestimado sua capacidade na natação e estava se afogando.

Larguei o caiaque. A missão, agora, era salvar nossas vidas. Lembrei que dois terços das pessoas que tentam socorrer alguém acabam morrendo afogadas, puxadas pelos abraços desesperados da vítima. Mas não tinha outra opção. Devo ter tirado forças das entranhas. Nadava usando apenas um braço, já que o outro estava ocupado em segurar meu desesperado amigo. Para piorar, o frio provocou câimbras em uma das pernas dele, e por uns cinco minutos tive que lutar para não ser puxado para baixo d'água. A distância era curta, cerca de 700 metros, mas a margem não chegava. Depois de 40 minutos de tensas braçadas, enfim pisamos em terra firme. Nem bem comemorei a chegada, tive de escutar uma sonora bronca do comandante dos bombeiros. Que vergonha!”